

Avaliação da personalidade em crianças vítimas de abuso sexual através da escala de traços de personalidade para crianças - ETPC

SANDRA RODRIGUES STEINER¹
GISELE BEATRIZ ZATT ELGUES²

RESUMO

Trata-se de um estudo exploratório descritivo que tem por objetivo avaliar a personalidade, em uma amostra de 40 crianças vítimas de abuso sexual, descrevendo os quatro principais traços da personalidade: neuroticismo, psicoticismo, extroversão e sociabilidade, e, paralelamente, verificar se existe associação com as variáveis individuais, sexo, idade, escolarização e início do abuso. Foi utilizada a Escala de Traços de Personalidade para Crianças – ETPC (SISTO, 2004). A análise dos dados evidencia que não há diferença estatisticamente significativa, em nenhum dos quatro traços, entre as médias das pontuações das crianças abusadas, em relação às variáveis: gênero e idade, nem ao início do abuso, entretanto quando é agrupada (n=40), independente de idade e gênero, verificam-se resultados significativos, nos traços Psicoticismo, Extroversão, Sociabilidade e Neuroticismo. Ressalta-se, ainda, a escolarização como um fator importante nos achados desse estudo, pois crianças que não freqüentam a escola obtiveram escores mais altos em relação àquelas que freqüentam.

Palavras-chave: personalidade, abuso sexual infantil; avaliação psicológica.

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia/ULBRA

² Professora-Orientadora do Curso de Psicologia/ULBRA
(elgues@portoweb.com.br)

ABSTRACT

The present study is an exploratory descriptive research which aims at evaluating the personality considering a sample of 40 children that suffered sexual abuse. It describes the four main aspects of personality: neuroticism; psychotics; extroversion and sociability. It verifies, in parallel, if there is any association within individual variables such as age, sex, level of study and beginning of abuse. The Scale of Streaks of Personality for Children was used. The analysis of the data showed that there is no statistic difference among the four streaks considering the averages achieved by children who suffered sexual abuse in relation to the streaks of genre and age as well as to the beginning of abuse. However, when the result is summed (n=40), independently of age and genre, it is possible to verify some considerable results regarding the streaks of psychotics, extroversion, sociability and neuroticism. It is also important to detach the level of study as an important factor inside the findings of these studies, since the children who don't attend school obtained lower levels in relation to those who had done it.

Key words: *personality, infant sexual abuse, psychological evaluation.*

INTRODUÇÃO

De extrema relevância social, a violência, em todas as suas formas, é um fenômeno complexo e multifacetado. Em diferentes instituições do setor da saúde, que atendem crianças e adolescentes, inúmeros são os casos de abuso sexual. As estatísticas são, de fato, alarmantes, e tal qual FRAJNDLICH (2002) afirma, “tende a ser a pior forma de violência conhecida na organização social humana” (p. 113), configurando-se como um dos mais graves problemas de saúde pública no Brasil.

A literatura especializada descreve uma enormidade de prejuízos de ordem física, psicológica, social e educacional provocados pelo abuso sexual e que, inevitavelmente, causam sérios entraves ao desenvolvimento da criança. Medidas urgentes e cada vez mais eficazes são necessárias na tentativa de minimizar essa problemática. Por outro lado, como as evidências físicas do abuso se fazem presentes na minoria dos casos, a busca constante por novas e diferentes estratégias, que otimizem a sua detecção, torna-se crucial.

Ancorado nesse pressuposto, o presente estudo busca identificar, de modo objetivo, os principais traços de personalidade característicos de crianças vítimas de abuso sexual, verificando, paralelamente, se existe associação com as variáveis individuais: sexo, idade, escolarização e início do abuso.

O ser humano é dotado de características que o diferenciam dos demais, que o fazem um ser único, capaz de realizar complexas relações com o seu meio e de reagir de maneiras diferentes a uma mesma situação ou estímulo. A individualidade é a marca de cada um e se forma a partir de diversos fatores em conjunto, como a genética, o meio em que vive ou os acontecimentos durante a vida. Traz consigo marcas e potencialidades desde o seu nascimento, que poderão sofrer influência de diversos fatores (HALL, LINDZEY & CAMPBELL, 2000).

Personalidade, segundo CLONINGER (1999), caracteriza o modo singular que o indivíduo tem de lidar com o mundo, de adaptar-se

às exigências e oportunidades do meio em que está inserido. De acordo com esse autor, os traços de personalidade configuram-se como um conjunto focalizado de características, que distinguem uma pessoa da outra, que determinam modos de comportamento diferenciados.

Um traço é uma estrutura mental, uma inferência feita a partir do comportamento observado para explicar a sua regularidade ou consistência. O comportamento reflete tipicamente uma interação das tendências da pessoa e das forças ambientais (HALL, LINDZEY & CAMPBELL, 2000).

A par destas referências e sem a pretensão de esgotá-las, vale ressaltar, a essa altura, que, no presente estudo, a concepção de personalidade sustenta-se, especificamente, nos estudos de EYSENCK & EYSENCK (1997), referindo-se aos aspectos fenotípicos, produto da interação entre os fatores constitucionais e o meio ambiente, caracterizando tendências com possibilidades de mudanças.

Conforme assinala SISTO (2004), numa abordagem fatorial, a personalidade é “observada com base na conduta de uma pessoa e analisada valendo-se do pressuposto de que existe um núcleo constante e outro que é variável”. Esse núcleo constante foi denominado de traço, “entendendo-se por traço uma tendência e, como tendência, está em mudança contínua” (p. 19).

O abuso sexual infantil pode ser definido como o uso de uma criança com o objetivo de gratificação de necessidades ou desejos sexuais adultos, variando quanto à gravidade, desde carícias leves até estupro violento. É uma forma de violência que envolve poder, coação e/ou sedução, numa desigualdade básica de gênero

e geração. Independentemente da frequência e intensidade, constitui um ato invasivo, um trauma de grande impacto, que acarreta uma gama de prejuízos ao nível emocional, comportamental, cognitivo, físico, sexual e social, desequilibrando o desenvolvimento global (LEWIS, 1995; CORSI, 1997).

É frequentemente praticado sem o uso de força física e não deixa marcas visíveis, o que dificulta sua comprovação, principalmente, quando acontece com crianças pequenas. A criança mais velha pode ter capacidade verbal de relatar o abuso, mas pode estar relutante devido à culpa pela aceitação da sedução, ou medo da dissolução da família (GARFINKEL, 1992).

Além disso, segundo FURNISS (1993), o abuso sexual pode levar a criança a um papel de falsa parceria, mantido pelas recompensas, mesmo ao custo de confusão e perturbação emocional. O forte apego estabelecido com o abusador é, em alguns casos, a única forma de atenção que a criança recebe. Essa confusão entre proximidade emocional, confiança, rejeição e culpa impede o reconhecimento do abuso sexual e faz com que a criança não receba ajuda da pessoa que não abusa. Essa dinâmica torna-se conveniente no sistema familiar, favorecendo que o abuso sexual continue por vários anos.

Nas famílias em que ocorre o abuso sexual, a criança não se sente emocionalmente compreendida e nem cuidada. Depois de ameaçada, submete-se às exigências inadequadas do abusador, porque está com medo de ser castigada se revelar o segredo. Ela percebe a mãe como emocionalmente rígida e distante, ou sente que ela não iria acreditar, nem protegê-la. No caso de abuso paterno, o relacionamento sexualmente abusivo ajuda a diminuir o conflito conjugal que

poderia levar à ruptura familiar. Além da imediata função sexual, o abuso oferece uma saída para a agressão do pai, conseqüência de seus problemas pessoais, bem como o mantém emocionalmente dependente, impossibilitando a desintegração familiar. Assim, infelizmente, o abuso sexual torna-se um regulador do conflito conjugal (FURNISS, 1993; GAUER, 2003).

Esses dados, sem dúvida, são dramáticos, pois testemunham um lugar onde a família desvia-se do seu papel de destaque no desenvolvimento cognitivo, afetivo e físico da criança. Assim, o abuso sexual intrafamiliar inviabiliza interações saudáveis, protótipo para a aprendizagem das habilidades sociais, tão importantes para o desenvolvimento de potencialidades da criança (CORSI, 1997; CAMINHA & HABIGZANG, 2004).

Como fica, então, a criança frente à situação de abuso, quando o próprio abusador é o cuidador?

Face à complexidade dos fatores envolvidos no abuso sexual infantil, o psicólogo que trabalha com tal demanda necessita estar suficientemente capacitado, seja nas tarefas de intervenção, como também de avaliação.

MATERIAL E MÉTODOS

Para atender aos objetivos propostos, o presente estudo, com delineamento não experimental, de natureza exploratório-descritiva, utilizou, para a coleta dos dados, a Escala de Traços de Personalidade em Crianças – ETPC, de autoria de Fermino Fernandes Sisto (2004), em uma amostra de 40 crianças vítimas de abuso sexual, atendidas em diferentes instituições da cidade de Porto Alegre e Região Metropolitana (RS).

O instrumento é composto por um total de 30 itens, em forma de perguntas, com apenas duas opções de resposta (sim ou não), acerca das maneiras como a criança pensa e sente. Segundo o autor, as quatro escalas da ETPC apontam dimensões funcionalmente independentes, cuja natureza foi estabelecida mediante investigação fatorial: neuroticismo, psicoticismo, extroversão e sociabilidade. Cada uma delas representa um construto que demonstrou ter valor geral como uma estrutura psicologicamente significativa dentro da personalidade. Assim, neuroticismo está relacionado à reatividade do sistema nervoso autônomo, isto é, estabilidade ou instabilidade emocional; psicoticismo significa sensibilidade afetiva; extroversão é a dimensão responsável pela impulsividade; e sociabilidade refere-se a condutas em relação às regras sociais (SISTO, 2004).

Resguardando os princípios éticos, inerentes à pesquisa com seres humanos, inicialmente, foi entregue às instituições colaboradoras uma carta de apresentação da pesquisa, com o objetivo de obter o consentimento formal para a coleta de dados. Aos pais e/ou responsáveis, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi apresentado, o qual foi assinado, declarando o interesse voluntário e espontâneo em participar do estudo. Ressalta-se, ainda, que os dados para caracterização da amostra foram coletados nos prontuários e junto à equipe técnica das instituições participantes.

O instrumento foi aplicado, de forma individual, nas dependências das instituições colaboradoras, em horário e local previamente estabelecido, seguindo criteriosamente as instruções do manual, com duração média de dez minutos.

A avaliação das respostas seguiu os procedimentos descritos no manual do instrumento. Para as análises estatísticas, foi utilizado o software *Statistical Package for Social Sciences (SSPS for Windows versão 10.0)* com os seguintes testes: tabelas de frequência, estatísticas descritivas convencionais, teste *t de Student* e análise de variância (ANOVA).

Descrição da amostra: a maioria da amostra ficou representada por crianças do sexo feminino (65%) com idades entre 5 e 10 anos, sendo 32,5% composta por crianças de 9 anos. Em termos de escolaridade, 55% cursavam a 1ª série (25%) e a 2ª série (30%) do ensino fundamental; apenas 12,5% das crianças não estavam na escola. Em sua maioria (70%), freqüentavam escolas da rede pública de ensino.

Paralelamente, verificou-se que o abuso intrafamiliar ficou evidenciado em 82,5% dos casos, sendo que, dentre estes, o registro de maior frequência (22%) apontou o padrasto como principal agressor. É interessante observar, ainda, que não houve abuso sexual perpetrado pela figura materna. Quanto ao início do abuso, 57,5% das crianças tinham entre 5 e 7 anos. Em 40% dos casos não foi esclarecida a idade do abusador; no restante, registrou-se a maior frequência (32,5%) na faixa entre 11 e 20 anos. Em 17,5% da amostra, o tipo de relação do abuso foi penetração com os dedos; na mesma proporção não foi esclarecido o tipo e, em 15% foi sexo oral.

A maioria das crianças (87,5%) estava em acompanhamento psicoterápico, enquanto apenas 5% não.

RESULTADOS

Apresenta-se, a seguir, um conjunto de tabelas referentes às pontuações médias obtidas pela amostra em cada um dos quatro traços de personalidade (Neuroticismo, Sociabilidade, Extroversão e Psicoticismo), considerando as variáveis individuais: idade e sexo.

Tabela 1 - Médias para NEUROTICISMO por idade e sexo

Idade	Sexo	
	Feminino	Masculino
5	3,25	7,00
6	3,50	5,00
7	3,50	3,60
8	5,00	5,67
9	4,50	4,00
10	4,33	7,00

Varição das pontuações: de zero a sete

Comparando esses resultados com os dados normativos do manual da ETPC, verifica-se que os meninos de 5 e de 10 anos obtiveram as maiores pontuações nessa escala, ou seja, acima do quartil 75%, enquanto que os meninos de 7 anos obtiveram pontuação abaixo do quartil 25%. As demais crianças obtiveram pontuações que oscilam dentro da faixa mediana, entre 25% e 75%.

Tabela 2 - Médias para SOCIABILIDADE por idade e sexo

Idade	Sexo	
	Feminino	Masculino
5	3,75	2,00
6	4,33	3,00
7	3,00	5,00
8	5,00	4,67
9	4,50	4,33
10	3,67	0,00

Varição das pontuações: de zero a seis.

Comparando esses resultados com os dados normativos do manual da ETPC, observa-se que os meninos de 5, 6 e 10 anos, bem como as meninas de 5 e 7 anos, obtiveram pontuações abaixo do quartil 25%, enquanto que os meninos e as meninas de 8 e 9 anos obtiveram pontuações acima do quartil 75%. As demais crianças obtiveram pontuações que oscilam dentro da faixa mediana, entre 25% e 75%.

Tabela 3 - Médias para EXTROVERSÃO por idade e sexo

Idade	Sexo	
	Feminino	Masculino
5	7,00	9,00
6	6,00	8,00
7	8,00	7,20
8	8,00	6,00
9	6,90	5,67
10	5,33	9,00

Varição das pontuações: de zero a dez.

Comparando esses resultados com os dados normativos do manual da ETPC, observa-se que os meninos e as meninas de 5 anos obtiveram as maiores pontuações nessa escala, isto é, acima do quartil 75%, enquanto que os meninos de 8 e 9 anos e as meninas de 8, 9 e 10 anos obtiveram pontuações abaixo do quartil 25%. As demais crianças obtiveram

Comparando esses resultados com os dados normativos do manual da ETPC, nota-se que os meninos de 5, 8, 9 e 10 anos e as meninas de 8, 9 e 10 anos obtiveram as maiores pontuações nessa escala, isto é, acima do quartil 75%. As demais crianças obtiveram pontuações que oscilam dentro da faixa mediana, entre 25% e 75%.

Tabela 4 - Médias para PSICOTICISMO por idade e sexo

Idade	Sexo	
	Feminino	Masculino
5	4,25	9,00
6	3,83	3,00
7	3,50	3,00
8	1,00	1,00
9	1,90	2,67
10	3,33	9,00

Varição das pontuações: de zero a onze.

pontuações que oscilam dentro da faixa mediana, entre 25% e 75%.

Apresenta-se, a seguir, um conjunto de tabelas referente às comparações de interesse com as variáveis individuais: sexo, idade, escolaridade, tipo de escola e início de abuso nos quatro traços de personalidade:

Tabela 5 - Teste *t* de Student para comparação dos traços ETPC por sexo

Traço	Sexo	n	Média	Desvio-padrão	T	Valor de p
Psicoticismo	Feminino	26	2,96	2,36	-0,46	0,646
	Masculino	14	3,36	2,95		
Extroversão	Feminino	26	6,65	1,77	-0,51	0,614
	Masculino	14	6,93	1,33		
Neuroticismo	Feminino	26	4,00	2,21	-1,05	0,299
	Masculino	14	4,71	1,68		
Sociabilidade	Feminino	26	4,15	1,69	0,15	0,885
	Masculino	14	4,07	1,73		

Os dados evidenciam que não há diferença estatisticamente significativa, em nenhum dos quatro traços, entre as médias das pontuações das crianças do sexo masculino e feminino.

Tabela 6 - Análise de Variância (ANOVA) para comparação das escalas por idade

Traço	Faixa etária	n	Média	Desvio-padrão	F	Sig.
Psicoticismo	5 a 6 anos	12	4,33	2,87	2,19	0,126
	7 a 8 anos	11	2,36	2,16		
	9 a 10 anos	17	2,71	2,37		
Extroversão	5 a 6 anos	12	6,75	2,26	0,39	0,679
	7 a 8 anos	11	7,09	1,04		
	9 a 10 anos	17	6,53	1,42		
Neuroticismo	5 a 6 anos	12	3,83	2,52	0,39	0,677
	7 a 8 anos	11	4,27	1,74		
	9 a 10 anos	17	4,53	1,94		
Sociabilidade	5 a 6 anos	12	3,83	1,90	0,52	0,597
	7 a 8 anos	11	4,55	1,51		
	9 a 10 anos	17	4,06	1,68		

Observa-se que não há diferença estatisticamente significativa, em nenhum dos quatro traços, entre as médias das pontuações das crianças em relação à idade.

Tabela 7 - Análise de Variância (ANOVA) para comparação das escalas por escolarização

Traço	Tipo de escola	n	Média	Desvio-padrão	F	Sig.
Psicoticismo	Pública	28	2,71	2,23	3,13	0,037*
	Particular	4	3,25	3,30		
	Outras	3	1,67	1,15		
	Não freqüenta	5	6,00	2,83		
Extroversão	Pública	28	6,64	1,70	0,35	0,790
	Particular	4	7,50	1,29		
	Outras	3	7,00	1,00		
	Não freqüenta	5	6,60	1,82		
Neuroticismo	Pública	28	4,21	1,99	0,50	0,683
	Particular	4	5,25	2,36		
	Outras	3	3,33	3,06		
	Não freqüenta	5	4,20	1,92		
Sociabilidade	Pública	28	4,39	1,52	1,61	0,203
	Particular	4	2,75	2,36		
	Outras	3	4,67	1,15		
	Não freqüenta	5	3,40	1,95		

* Diferença estatisticamente significativa ao nível de 5%

Os resultados apontam uma diferença estatisticamente significativa, no traço psicoticismo, entre as

crianças que freqüentam e as que não freqüentam a escola, e podem ser melhor visualizados na Figura 1.

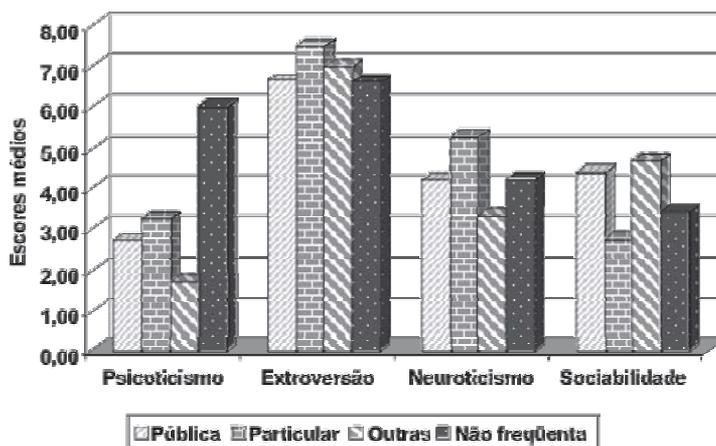


Figura 1 - Escores médios

Tabela 8 - Análise de Variância (ANOVA) para comparação das escalas por início do abuso

Traço	Início do abuso	n	Média	Desvio-padrão	F	Valor de p
Psicoticismo	2 a 4 anos	3	2,33	1,53	0,50	0,684
	5 a 7 anos	23	3,52	2,68		
	8 a 10 anos	9	2,44	2,01		
	Não esclarecido	5	2,80	3,49		
Extroversão	2 a 4 anos	3	7,67	0,58	1,49	0,234
	5 a 7 anos	23	6,74	1,84		
	8 a 10 anos	9	6,00	1,12		
	Não esclarecido	5	7,60	1,14		
Neuroticismo	2 a 4 anos	3	3,33	3,51	1,75	0,174
	5 a 7 anos	23	3,78	2,02		
	8 a 10 anos	9	5,11	1,17		
	Não esclarecido	5	5,40	2,07		
Sociabilidade	2 a 4 anos	3	6,00	-	1,43	0,251
	5 a 7 anos	23	3,96	1,74		
	8 a 10 anos	9	4,11	1,05		
	Não esclarecido	5	3,80	2,39		

Não há diferença estatisticamente significativa, em nenhum dos quatro traços, entre as

médias das pontuações das crianças em relação ao início do abuso (Tabela 8).

Tabela 9 - Distribuição geral das pontuações da amostra

Traço	Abaixo do quartil 25	Interquartis	Acima do quartil 75
Psicoticismo	18 45,00%	16 40,00%	6 15,00%
Extroversão	3 7,50%	15 37,50%	22 55,00%
Neuroticismo	8 20,00%	23 57,50%	9 22,50%
Sociabilidade	8 20,00%	21 52,50%	11 27,50%

No traço psicoticismo, 45% das crianças da amostra obtiveram pontuações abaixo do quartil 25%, enquanto que no traço Extroversão, a mai-

oria, isto é 55%, obtiveram pontuações acima do quartil 75% (Tabela 9).

Tabela 10 - Teste *t* de Student para comparação entre este estudo e amostra normativa (SISTO, 2004)

Traço	n	Média	Desvio-padrão	Média Sisto (2004)	Teste <i>t</i> Student	
					t	Valor de p
Psicoticismo	40	3,10	2,55	5,48	5,90	0,000**
Extroversão	40	6,75	1,61	4,76	7,82	0,000**
Neuroticismo	40	4,25	2,05	3,42	2,56	0,014*
Sociabilidade	40	4,13	1,68	3,42	2,67	0,011*

* Diferença estatisticamente significativa ao nível de 5%

** Diferença estatisticamente significativa ao nível de 1%

Observa-se que há diferença estatisticamente significativa, ao nível de 5%, nos traços de neuroticismo e sociabilidade, bem como ao ní-

vel e 1% nos traços psicoticismo e extroversão (Tabela 10). Esses dados podem ser visualizados na Figura 2.

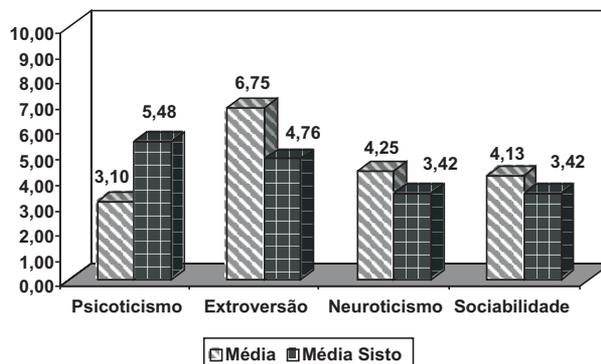


Figura 2 - Comparação entre estudo e amostra normativa

DISCUSSÃO

A trajetória percorrida, ao longo desse estudo, reafirma que educação e prevenção são essenciais para o enfrentamento do fenômeno da violência. No entanto, quando ela é detectada, o sucesso de qualquer iniciativa depende da precocidade da intervenção, de um olhar multidisciplinar e especializado, bem como de orientações específicas e eficazes. Frente a esse desafio, então, a ciência psicológica e seus saberes, sem dúvida, muito tem a contribuir, valendo-se de estratégias avaliativas que possam subsidiar, com propriedade científica, as intervenções que se façam necessárias.

Os resultados obtidos evidenciam que, na comparação com a amostra normativa, não há diferença estatisticamente significativa, em nenhum dos quatro traços de personalidade estudados, entre as médias das pontuações das crianças abusadas, em relação às variáveis: gênero e idade, nem ao início do abuso.

Acredita-se, entretanto, que a limitação da amostra desse estudo seja um fator determinante, pois quando é agrupada ($n=40$), independente de idade e gênero, verifica-se que há diferença estatisticamente significativa, ao nível de 1%, nos traços de Psicoticismo e Extroversão, bem como, ao nível de 5%, nos traços de Neuroticismo e Sociabilidade.

Paralelamente, os resultados deste estudo vão de encontro ao que a literatura refere acerca das alterações biopsicossociais típicas de crianças abusadas sexualmente. Essa divergência, possivelmente, pode justificar-se no fato de 87,5% da amostra estar em acompanhamento psicoterápico. Sabe-se dos inúmeros benefícios que essa intervenção traz para as crianças, co-

laborando para que elas tenham a oportunidade de fortalecer aspectos saudáveis do ego, possibilitando, inclusive, que, apesar da impulsividade demonstrada, através do traço Extroversão, possam estar um pouco mais ajustadas socialmente, conforme se observa no traço Sociabilidade.

Para além do atendimento psicoterápico, outro achado que merece destaque está diretamente relacionado à escolarização, ou seja, verifica-se diferença estatisticamente significativa, no traço Psicoticismo, entre as crianças que freqüentam e as que não freqüentam a escola. Sabe-se que a escola tem um papel fundamental na formação da criança, oportunizando a aprendizagem e o desenvolvimento das habilidades sociais, por vezes, inclusive, cumprindo tarefas de responsabilidade da família, além, é claro, de ser mais um agente na identificação de sinais e sintomas do abuso sexual.

Outrossim, é interessante observar que, na amostra estudada, o vínculo/parentesco entre a criança e o abusador é prioritariamente intrafamiliar. Assim, a dicotomia entre uma escola que acolhe e uma família que não é suficientemente cuidadora impõe, inevitavelmente, parâmetros controversos, sendo esperado que essas crianças demonstrem significativas oscilações de humor, configurando uma instabilidade emocional diretamente relacionada ao traço Neuroticismo.

Por fim, ratifica-se a necessidade de estudos mais abrangentes que possam comprovar, com maior grau de cientificidade, se, de fato, nas crianças vítimas de abuso sexual, esses traços se manifestam de forma diferente. Por outro lado, o desenvolvimento de investigações mais controladas, em relação às variáveis idade e gêne-

ro, ou, ainda, estudos comparativos entre crianças que estão e que não estão em atendimento psicoterápico, são oportunas.

CONCLUSÃO

Face à magnitude do fenômeno estudado, espera-se que esse estudo possa ter contribuído, a par das suas limitações, para enfatizar a responsabilidade social que a sociedade, os órgãos governamentais, a escola e os profissionais da saúde têm em relação à violência infantil.

A eficácia de medidas preventivas sustenta-se, inevitavelmente, na educação; esta, por sua vez, só será efetivamente alcançada a partir de uma perspectiva multidisciplinar. Ações conjuntas, desencadeadas por profissionais qualificados, conhecedores das complexidades e peculiaridades das crianças vitimizadas, poderão congregar esforços para o combate e prevenção do abuso sexual infantil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Professora Ms. Gisele Zatt Elgues, por toda dedicação e paciência com que conduziu as orientações, ao Serviço de Proteção à Criança – ULBRA, ao Comitê da Criança e do Adolescente – Canoas (RS), ao Centro de Referência ao Abuso Infantil – CRAI, ao Núcleo de Atendimento às Vítimas de Violência – NAVIV – ULBRA e à Equipe de Proteção à Criança – Hospital de Clínicas de Porto Alegre, pela confiança e espaço dedicados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMINHA, Renato M.; HABIGZANG, Luísa F. **Abuso sexual contra crianças e adolescentes.** Conceituação e intervenção clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

CLONINGER, Susan C. **Teorias da personalidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CORSI, Jorge. **Violência familiar:** uma mirada interdisciplinaria sobre un grave problema social. 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 1997.

FRANJNDLICH, Rogério. **Psicologia para leigo:** violência intrafamiliar. Porto Alegre: Conceito, 2002. p.111-116. v. 2 (Coleção Saúde, Educação e Prevenção).

FURNISS, Tilman. **Abuso sexual da criança:** uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GARFINKEL, Barry D.; CARLSON, Gabrielle A.; WELLER, Elizabeth B. (Orgs.). **Transtornos psiquiátricos na infância e adolescência.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

GAUER, Gabriel José Chitto; MACHADO, Débora Silva (Orgs.). **Filhos e vítimas do tempo da violência.** Curitiba: Juruá, 2003.

HALL, Calvin S.; LINDZEY, Gardner; CAMPBELL, John B. **Teorias da personalidade.** 4.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

LEWIS, Melvin. **Tratado de psiquiatria da infância e adolescência.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

SISTO, Fermino Fernandes. **Escala de tra-**

ços de personalidade para crianças. São Paulo: Vetor, 2004.

SISTO, Fermino Fernandes; BUENO, José Maurício Haas; RUEDA, Fabián Javier

Marín. Traços de personalidade na infância e distorção e integração de formas: um estudo de validade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.8, {n.p.}, jan./jun. 2003.